

TABULEIRO DE LETRAS

Interseções epistemológicas entre o estruturalismo inatista de Chomsky e o estruturalismo sistêmico de Saussure

Intersections épistémologiques entre le structuralisme innatist de Chomsky et le structuralisme systémique de Saussure

Paulo Pereira*

Omne quod movetur ab alio movetur.

RESUMO: Este artigo revisita a historiografia filosófica em busca de ontologias que demarcam algumas questões precípuas do conhecimento humano refletidas na ciência linguística. Com base nessas questões ontológicas pertinentes, inserimo-nos na discussão de alguns autores que demonstram a continuidade de tais indagações nos pilares teóricos e doutrinários presentes na Linguística desde a sua fundação moderna por Saussure. Assim, proponho que tais questões estão presentes, também, além do estruturalismo saussuriano, no neo-estruturalismo *chomskiano*, revelando interseções epistemológicas maiores as quais, no âmbito da Linguística, dialogam com questões filosóficas ontológicas.

Palavras chave: Teoria linguística; Epistemologia científica; Filosofia; Estruturalismo.

RESUMÉE: Cet article revisite l'historiographie philosophique à la poursuite d'ontologiques problèmes qui délimitent certaines questions salutaires de la connaissance humaine. Sur la base de ces questions pertinentes ontologiques, nous nous insérer dans la discussion de certains auteurs qui démontrent la continuité de ces questions dans les piliers théoriques et doctrinales présents dans les Linguistique courants depuis sa fondation moderne par Saussure. Je continue de proposer que ces questions sont présentes, aussi, au-delà du structuralisme saussurien, dans le Chomskian néo-structuralisme, révélant intersections épistémologiques plus profond qui dans Linguistique dialogue avec philosophiques questions ontologiques.

Mots clés: Théorie linguistique; L'épistémologie scientifique; La philosophie; Le structuralisme.

*Doutorando em Letras e Linguística (Sintaxe Gerativa, Teorias Linguísticas) pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Bacharel e Licenciado em Letras Vernáculas e Bacharel em Jornalismo pela UFBA. Contato: paulorpereiras@gmail.com.



1. A Filosofia e as ciências: uma única forma de conhecimento

Tornada possível pelo contexto histórico da época (desenvolvimento das cidades, do comércio, do artesanato, das artes militares; Atenas como centro da vida social, política e cultural da Grécia; florescimento da democracia na *polis*, do conceito de cidadão e cidadania, etc.), a Filosofia floresceu na Antiguidade Clássica baseada na busca por compreender o que o pensamento conhece da realidade e verdade de uma coisa, de uma ideia ou de um valor. Com essa nova forma de produção de conhecimento, o homem passou a almejar entender a verdade atemporal, universal, invisível e verdadeira dos pensamentos, das ideias e das coisas. Enquanto forma de conhecimento que procurava a definição daquilo que uma coisa, uma ideia, um valor é verdadeiramente em sua última instância (Ontologia), a Filosofia desenvolveu-se semeando as bases dogmáticas e doutrinárias de diversos campos sociais dos saberes humanos (CHAUI, 2000).

Ponto inicial crucial das bases epistemológicas de diferentes áreas das ciências, na Filosofia, como não poderia deixar de ser, ancoram-se pressupostos teóricos basilares da Linguística e de seu desenvolvimento histórico dialético, inclusive, também, necessários para a sua individualização enquanto campo científico autônomo do saber.

2. O nascimento da epistemologia e a individualização dos campos científicos

Desde os primeiros cosmologistas pré-socráticos, a busca pelo conhecimento constituiu-se o pilar da Filosofia. Todavia, é no período antropológico dos filósofos socráticos e na continuação e desenvolvimento posterior das ideias deles, por meio da sistematização do saber pela lógica aristotélica que o homem passa a diferenciar o conhecimento universal, que deveria ser o objetivo da Filosofia na busca da *essência* das coisas, de sua transformação em *conceitos* ou ideias (pensamentos puros e verdadeiros em sua relação com os essenciais universais) pela razão (*supra*).

Para os filósofos gregos, as ideias se referem à essência invisível e verdadeira das coisas e só podem ser alcançadas pelo pensamento puro, que afasta os dados sensoriais, os hábitos recebidos, os preconceitos e as opiniões. O nascimento da *epistème* marca, de modo inquestionável, a Filosofia como forma de produção de conhecimento e o embrião do que hoje chamamos de ciências.

Para essa nova forma de pensar, era vital a necessidade de um conhecimento “construir seu objeto e seu campo próprios, seus procedimentos próprios de aquisição e exposição, de demonstração e de prova, (...) conhecer os princípios e as leis gerais que governam o pensamento, independentemente do conteúdo que possa vir a ser pensado” (CHAUÍ, 2000, p. 43).

Na Linguística, a autonomização, enquanto uma ciência individual legitimada, ocorrerá de modo inquestionável com a apropriação que o linguista Ferdinand de Saussure, precursor da Linguística moderna e da Semiologia, fez da dicotomia metafísica grega da *essência* ou *substância versus conceito* ou *forma*.¹

Isso não significa que antes da publicação do clássico livro de Saussure *Cours de Linguistique Générale* na primeira metade do século XX a língua e/ou a linguagem já não tivessem sido tematizadas como objeto de estudo. Porém, até então, isso só ocorrera colocando a língua e/ou a linguagem como algo secundário à borda de outras disciplinas do conhecimento (como a história com os estudos neogramáticos, a psique humana na psicologia freudiana, a própria filosofia pragmatista na Filosofia da Linguagem, etc.)

3. Empirismo e inatismo, realismo e idealismo: **antagonismo** da razão

O *empirismo* e o *inatismo* dentro da Filosofia demarcam duas maneiras bipolarizadas de enxergar a produção humana de conhecimento racional (CHAUÍ, p. 2000). Se ao homem, por meio da filosofia ou das ciências, só é possível alcançar o conhecimento por meio da razão (seja ela intuitiva, por meio da intuição; ou discursiva, por meio do raciocínio), sendo este sempre um ato cognitivo posterior. E se a realidade em si das coisas sempre nos se apresenta como algo externo à mente (à cognição), como podemos realmente apreendê-lo?

A metafísica em Aristóteles assume um princípio de base sensível e retoma assim os conceitos de Platão, nos quais o alicerce do conhecimento reside na sensibilidade do ser humano. Esse teor sensitivo é o pressuposto para o

¹ Para os gregos antigos, haveria um princípio universal e eterno chamado *physis*, que daria origem a tudo que existe e a todos os seres, constituindo-se, assim, “o princípio ou o elemento primordial” imperecível e eterno. Sob a *physis*, atuaria a *kinesis*, toda e qualquer mudança e movimento das coisas naturais e de tudo que há num processo de transformação e evolução permanentes caracterizado pelo *devir*. Essa dicotomia entre uma essência eterna imutável e um conceito ou forma não universal, mas parcial das coisas, é o que propomos que, para além de estar presente na dialética dos filósofos *strictu sensu*, também está presente na dialética da Linguística moderna e contemporânea.

conhecimento, pois o que é cogitado além do sensível faz-se desconhecido ao homem, cuja mente não comporta um sistema capaz de apreender tal dimensão dentro dos parâmetros da razão. Em outras palavras, aquilo que não é perceptível pelos sentidos não pode subsidiar o conhecimento (SOARES, p. 267).

Podemos dizer que essa questão ontológica e metafísica basilar da Filosofia ocidental refletiu-se nos fundamentos sob a qual se edificou a Linguística moderna. Permeando boa parte da dialética histórica das teorias linguísticas como a conhecemos hoje, o antagonismo filosófico acerca da possibilidade do ato de conhecer pelo homem subjacente nos pares empirismo *versus* inatismo, realismo *versus* idealismo também chegou à nova ciência, incidindo no modo como recortaram seu objeto de estudo: a língua.

4. Filosofia e epistemologia da Linguística: Saussure cria uma nova ciência

Aquela questão ontológica da filosofia refletiu-se na constituição do pensamento linguístico *saussureano* de maneira preponderante. No estruturalismo do linguista genebrino, os antagonismos expressos nas dualidades *empirismo versus inatismo*, *realismo versus idealismo* se refletem nas famosas dicotomias presentes nas lições do *Cours*.

Com Saussure, a Linguística alcança a autonomia intelectual, torna-se uma ciência com um objeto próprio de análise sobre o seu domínio: a língua e o estudo dos signos linguísticos. À semiologia, ciência germinada com a Linguística, por assim dizer, porém de caráter mais abrangente, ficou o encargo do estudo da linguagem e dos signos gerais.

Na filosofia ocidental aristotélica, SILVA ressalta que a capacidade cognitiva humana da memória foi vista como possibilitadora da construção da experiência pelo homem:

Aristóteles definiu a memória como a capacidade de armazenamento dos dados obtidos pelos sentidos e o acúmulo de informações sensoriais (...). A experiência condiz na contínua comparação dos diversos dados residentes na memória com os dados que vão sendo gradativamente adquiridos. (...) Ao percurso da experiência, Aristóteles (Metafísica, XII, 1071 b, 17-20) atribuiu o surgimento de dois eixos conceituais. Por um lado é constituída a técnica (...). Por outro lado é constituída a *epistême*, que consiste no saber teórico, institucionalizado mediante os princípios científicos convencionados na respectiva comunidade linguística. O conhecimento epistêmico se difere do prático por se sustentar nos princípios de uma ciência sistematicamente

implantada e instituída como convenção. O saber epistêmico é por vezes adjetivado de abstrato, por ser alicerçado em pressuposições acerca de uma realidade subjetiva. Este último tipo de conhecimento, para Aristóteles (2005, vol. 1), tem na metafísica a forma mais elevada de sua expressão. Para ele, a metafísica é a afirmação maior do conhecimento epistêmico e concebe o ente como uma junção de *hylée eidos*; matéria e forma, respectivamente (COVAL, 2000 apud SILVA, 2012, p. 268).

Desse modo, conforme nos mostra Silva, as dicotomias saussurianas remetem à Metafísica aristotélica (Usiologia) e seu par *matéria x forma* que, por sua vez, nos leva ao dualismo platônico-socrático de *essência e conceito/ forma e conteúdo*, que podemos enfatizar como pertinentes a uma polarização da dicotomia filosófica geral e mais ampla da *razão intuitiva* (intuição) x *razão discursiva* (raciocínio).

Na linguística estruturalista de Saussure, as dicotomias destacam-se, sobretudo, dentro de sua concepção sistêmica de língua. Sob essa perspectiva da língua como um sistema composto por partes ou unidades que somente funcionam e têm uma função valorativa no todo do conjunto é que podemos citar como reveladores os pares *langue x parole, significante x significado* (SAUSSURE, 2002, p. 15-23, 79-89). A noção de *valor* e sua relação com as *relações associativas* (negativas, na qual há a ausência de valor) e *sintagmáticas* (positivas, onde o valor relativo ocorre) e a *arbitrariedade* (absoluta e relativa) do signo linguístico (SAUSSURE, 2002, 130-145) também nos revelam a presença daquelas questões filosóficas ontológicas citadas na fundação da Linguística estruturalista moderna.

Definindo a *langue* como a parte imaterial da linguagem (uma *essência* ou *substância* a qual não pode ser modificada pelo falante na produção individual), ao contrário da *parole* (produção linguística individual, particularizada e moldável pelo falante), Saussure inaugura a Linguística moderna, dando destaque ao que ele acreditava que era *universal e essência* nos fatos linguísticos; e, portanto, digno de ser estudado e apreensível por essa nova ciência autônoma.

Do mesmo modo, é pertinente destacar que a questão ontológica citada é o que subjaz o antagonismo existente entre o par “língua nos fatos da linguagem” (a língua, propriamente dita, que deveria ser objeto de estudo da Linguística, ciência que estuda os signos linguísticos) e “língua nos fatos humanos” (a linguagem, que deveria ser objeto de estudo da Semiologia, ciência que estuda signos gerais, sobretudo em seu caráter social).

Nessa concepção sistêmica de língua saussuriana, a *langue* apresenta-se como uma abstração possível para o deslumbramento dos universais linguísticos, da *substância* da

linguagem humana, sendo dispensada, assim, a *parole*, na qual só seria possível apreender fatos não substanciais, mas *formas*, *conceitos*, que em si mesmos já seriam uma segunda abstração não fidedigna da realidade.

Num sentido nada informativo, pode-se dizer que já temos a resposta para a nossa questão, visto que substâncias podem ser definidas como os componentes ontologicamente fundamentais da realidade. A ideia por trás desta definição é a de que ao explicarmos no que consiste a existência das substâncias, não precisamos nos referir a uma explicação prévia da existência dos componentes não-substanciais da realidade, mas que o converso não é verdadeiro: não podemos aclarar a existência de componentes não-substanciais de uma forma que não seja dependente de uma explicação prévia da existência de substâncias. (JUNGMANN, 2009, p. 8).

5. A língua como algo entre a substância (essência) e a forma (conceito): o embate teórico de Saussure

Saussure definiu o signo linguístico como um todo composto por uma face fonológica e uma face conceptual, ressaltando o caráter dual do funcionamento da linguagem.

O *signo*, *soma*, *sema*, etc. Só se pode, verdadeiramente, dominar o signo, segui-lo como um balão no ar, com certeza de reavê-lo, depois de entender completamente a sua natureza, natureza dupla que não consiste nem no envoltório e também não no espírito, no ar hidrogênio que insufla e que nada valeria sem o envoltório. O balão é o *sema* e o envoltório o *soma*, mas isso está longe da concepção que diz que o envoltório é o signo, e o hidrogênio a significação, sendo que o balão, por sua vez, nada é. Ele é tudo para o aerosteiro, assim como o *sema* é tudo para o linguista. (SAUSSURE, 2002, p. 102-103).

Com isso, inaugura-se a Linguística moderna sob os pilares da natureza dupla da linguagem. Para Saussure, a língua funcionaria como um sistema de valores que atuam quando contrastados e em oposição dentro de um sistema complexo. A língua, mais que isso, é a forma que possibilita que possa haver uma relação (arbitrária e não motivada) entre a massa amorfa de pensamentos e sensações humanos e a sua realização material fonológica, funcionando assim como uma espécie de “faixa de organização” entre o “aspecto conceitual” e o “aspecto material” linguístico (RODRIGUES, 2008, p. 10). O ponto de articulação (do

latim *articulus*) resultante dessa junção gera combinações que se efetivam como a língua propriamente dita.

Contudo, é mister ressaltar que o próprio Saussure destaca que o resultado dessa articulação combinatória encontra-se no campo das *formas* ou *conceitos* e não no campo das *essências* ou *substâncias*. Por esse ponto de vista, o sistema de valores linguísticos funciona por oposição e exclusão, isto é, por meio de negatividades (o que não é), a exemplo dos pares de sinônimos citados por Saussure que só ganham valor conjuntamente entre si em oposição ao outro. Dessa forma, a referencialidade das coisas pela língua ocorreria pela oposição negativa e relativa dos elementos do signo. Nela refletem-se as características da mutabilidade e imutabilidade que permeiam os signos linguísticos.

No âmbito do significante e do significado só existiriam diferenças (negativo) da qual emergiria um unidade complexa maior, o signo, este sim de natureza positiva, semanticamente falando, porém ainda funcionando como uma forma e não uma substância indivisível e ontológica em si (um universal). Esse signo voltaria a funcionar em oposição e de forma negativa, instaurando o jogo dialético pelo qual nós apreendemos o mundo pelas línguas naturais. Poderíamos chamar a esse procedimento epistemológico de os quatro passos na constituição do sentido com base no estruturalismo linguístico sistêmico saussuriano.²

Esse é o jogo do sistema de valor linguístico de Saussure e o modo como os homens têm para descrever e perceber o mundo à sua volta, de acordo com sua perspectiva sistêmico-estruturalista de língua.

Ao se utilizar dos signos de uma língua, inevitavelmente se os acionam em meio a esse processo de atribuição de valores. Porém, é possível referir qualquer signo observando-o isoladamente ou comparando-o com outros, enquanto que o mesmo não pode ser feito apenas com o significante ou o significado. É impossível para um falante de qualquer idioma fazer referência a uma imagem acústica ou a um conceito a menos que faça isso através de uma abstração, logo, reflexivamente, pois, cada vez que se pronuncia qualquer signo linguístico que seja, se o pronuncia em sua integralidade, o significante associado ao significado. Radicalmente, poder-se-ia dizer que só se pronuncia o significante. Mas é exatamente esse o

² Acerca disso, Cunha (2008) menciona o conceito de *Quatérnion*: “Quatérnion final nos alude a quatro tempos de um compasso. Na música, um compasso é feito de quatro tempos, ou seja, é necessário que existam quatro tempos para que se constitua um compasso. De modo semelhante, a relação do signo é feita de quatro, três para um [...]. Como na música, “a tripla relação irreduzível” resume-se a três elementos em oposição a um, que só existe em função das outras diferenças. Ou seja, uma forma existe na medida em que se pode perceber sua oposição à “diferença geral das significações” sob a “diferença geral das formas” e a podemos perceber como relativa a uma significação. Essa relação fundada em quatro diferenças, negativas em si mesmas, é o que o professor (SAUSSURE, *grifo nosso*) chama de ‘realidade da língua’.

ponto, o fato de que o significante, no processo psíquico de uso da língua, sempre traz atrelado a si o significado. Assim considerado o signo, tendo em sua formação aspectos negativos e, em sua completude, aspecto positivo, tem-se que, ao serem empregados na construção de frases, tanto seu aspecto positivo, quanto seus aspectos negativos, de fato deverão estar presentes, atuando no funcionamento da língua. (RODRIGUES, 2008, p. 12).

Uma frase muito citada, contida no *Cours*, parece resumir em si o ponto de vista saussuriano na definição de uma epistemologia sistêmico-estruturalista para a Linguística: “Bem de dizer que longe que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (1975, p.15).

Essa frase nos guia bem pelo entendimento das escolhas de Saussure por aquelas parte das dicotomias que deveriam ser priorizadas, na tentativa de resolver o embate do dualismo de apreender a língua como uma *forma* (conceito) ou como uma *substância* (essência).

Como esperamos ter demonstrado aqui, Saussure trouxe essa bifurcação para dentro dos estudos linguísticos utilizando-se do método negativo, também utilizado pela linguística *chomskiana* (OLIVEIRA, 2010), como veremos mais adiante, para se chegar a conceitos e leituras adequadas do que é a língua. Contudo, tanto a *langue* quanto o signo linguístico dual são formas, não substâncias, não são os universais da linguagem apreendidos em sua essência atemporal, indivisível e última por uma teoria.

Assim, podemos afirmar que Saussure similarmente considerou a linguagem como uma junção entre o sistema mental que organiza a linguagem (*langue*) e o processo de exteriorização física da linguagem (*parole*). Logo, uma escolha epistemológica feita no embate entre o dualismo filosófico maior no qual se envalara.

Forma e matéria, nesse sentido (*saussuriano, grifo nosso*), perfazem uma unidade complexa na qual cada elemento pode ser imanentemente inteligido um a partir do outro: ou melhor, perfazem uma unidade tal como a que se dá entre espécie e gênero: este, pois, encontra-se potencialmente contido naquela como elemento constituinte, assim como uma semi-linha está contida potencialmente na linha inteira. (ANGIONI, 1997, p. 119).

6. A língua como *substância* (essência) e não como *forma* (conceito): a proposta de Chomsky através de um novo conceito de *gramática*

Como vimos, os estudos acerca da linguagem foram-se desenvolvendo ao longo dos séculos posteriores, chegando mesmo a compor, na Idade Moderna, o objeto central de estudo de uma nova ciência acadêmica ou campo científico de pesquisa: a Linguística. Entretanto, foi na segunda metade do século XX, por volta dos meados do final da década de 50, que os estudos linguísticos sofreram uma das suas maiores transformações com o surgimento da teoria da *Sintaxe Gerativa*³. Ou, como se afirma em CHOMSKY (2006, p.1):

Os paradigmas linguísticos predominantes na primeira metade do século XX centravam sua atenção na ‘*langue*’ *saussuriana*, um objeto social do qual os falantes individuais tinham apenas um domínio parcial. A partir da década de 50, a gramática gerativa mudou o foco da pesquisa linguística para os conhecimentos linguísticos possuídos pelos falantes individuais e para a ‘*faculdade de linguagem*’, a capacidade específica da espécie para dominar e usar uma língua natural.

Dentro da proposta dos estudos linguísticos da escola da Sintaxe Gerativa, ou simplesmente gerativismo, a *noção de gramática* ganha uma nova dimensão em seu significado. Para tais estudos, a noção de gramática passa a designar não meramente um conjunto de regras prescritivas e normativas do “uso correto” e “bem feito” da língua – de acordo com as regras socialmente estabelecidas pela sua comunidade de falantes, como fora em suas origens na Antiguidade Clássica grega –, mas gramática, agora, passa a designar um objeto mental de estudos que representa uma capacidade cognitiva específica da espécie humana para formular, utilizar e compreender as sentenças de uma determinada língua natural, assim como depreendemos da afirmação de RADFORD (1997, p. 2): *grammar as the study of the principles which govern the formation and interpretation of words, phrases and sentences*.⁴

A noção de gramática, dentro da perspectiva do gerativismo, é compreendida como um objeto cognitivo, como o estudo da competência gramatical ou do sistema internalizado na mente e cérebro humanos – aquilo que CHOMSKY (1994, p. 41) denomina

³ A Teoria da Gramática Gerativa em seu início, no final da década de 1950, recebia a denominação de Gramática Gerativa Transformacional, denominação que remete à concepção da época de que todas as sentenças em uma determinada língua natural eram geradas a partir de transformações, por meio das chamadas Regras de Transformação, de algumas outras sentenças principais e matrizes. Assim, por exemplo, sentenças na voz passiva eram geradas a partir de regras de transformação exclusivas a esse fenômeno, a partir de sentenças na voz ativa.

⁴ Tradução nossa: “Gramática como o estudo dos princípios que governam a formação e interpretação de palavras, sintagmas e frases”.

de *língua internalizada*, ou doravante somente *língua-I*. O conhecimento gramatical, então, é definido como algo tácito, portanto pertencente ao nível do abstrato cognitivo, e não explícito, como uma *forma social*, em Saussure.

Uma evidência, para tanto, é o fato de que nenhum ato de ensino específico é requisitado para o desenvolvimento de uma determinada língua natural humana qualquer. Basta que as crianças em fase de *Aquisição da Linguagem* (doravante LA) sejam expostas aos chamados *Dados Linguísticos Primários* (de agora em diante, PLD) ⁵.

Desse modo, afirma-se que o falante nativo de uma dada língua natural já possui uma predisposição inicial para adquirir uma língua, isto é, já possui um conhecimento tácito prévio da gramática de sua língua, de como formar e interpretar as palavras, as categorias gramaticais, os sintagmas e as sentenças. Essa teoria recebe o nome de *Hipótese inatista*⁶ (HI) da LA.

Do fato de que nenhum processo de ensino específico é necessário para que as crianças, em fase de LA, aprendam a falar e compreender as sentenças da língua da comunidade de falantes em que elas estejam inseridas, conjuntamente ao fato de que a aquisição e o desenvolvimento linguísticos delas se farão de forma natural e eficaz (se nenhum outro problema cognitivo e/ou fisiológico qualquer estiver envolvido), é postulada a existência de uma *Faculdade da Linguagem* ⁷ (FL).

Admitindo, então, a FL como um *Programa de Aquisição da Linguagem* (LAP), a criança já nasce com um mecanismo ou capacidade biológica, que é inata aos seres humanos, para adquirirem qualquer língua natural através da simples exposição aos PLD. A existência de uma FL leva a postular que deva existir no próprio cérebro-mente de todos os humanos um mecanismo cognitivo o qual possibilita que todos esses seres venham a aprender uma determinada língua natural qualquer sem maiores esforços.

Pode-se pensar, assim, que a língua-I é a resultante da junção de dois componentes: “um léxico e um sistema de princípios (regras, operações) que operam

⁵ Além dos Dados linguísticos primários, alguns teóricos do gerativismo também discutem se os dados da chamada **Evidência negativa**, compostos por aquelas sentenças que a criança não escuta na fase de aquisição, desempenha algum papel relevante no complexo processo de Aquisição da Linguagem humana (cf. RAPOSO, *supra*).

⁶ A Hipótese inatista é uma proposta racionalista que se contrapõe a diversas outras correntes de pensamento teórico acerca do processo de aquisição cognitiva da linguagem pelos seres humanos, a exemplo das Teorias Behavioristas, do Conexionismo, do Sócio-Cognitivismo e do Sócio-Interacionismo (cf. SANTOS, 2006, p. 216).

⁷ Utilizaremos a sigla FL em português, a exceção do que viemos fazendo com as demais, para não confundir com LF, *Logical Form*.

recursivamente sobre os itens do léxico e sobre as expressões complexas que são formadas a partir destes” (CHOMSKY, 1999b, p.18). É justamente a esse sistema de princípios que se denomina de *Sistema Computacional* da linguagem humana. Daí postular-se dentro do quadro teórico do gerativismo que todos os seres humanos possuem um sistema computacional constituído por meio de uma *Gramática Universal* (UG) em seus cérebros-mente.

A UG pode ser compreendida como um equipamento, mecanismo ou habilidade cognitiva, pertencente unicamente à espécie humana, que está disponível a esses seres através da FL, possibilitando, subsequentemente, uma aprendizagem das línguas naturais através de uma exposição inicial aos PLD (*input*).

A nosso ver, esse modelo de língua representa a busca *chomskiana* pelos universais substanciais na língua (*essência*).

7. O Programa Minimalista: a busca pelos *essenciais* linguísticos

O Programa Minimalista (MP) não se constitui enquanto um arcabouço teórico totalmente novo e diferenciado dos Princípios e Parâmetros (P&P) anterior. Mais que isso, antes, tal programa constitui-se como um desenvolvimento mais recente daquele antigo modelo teórico gerativista, a partir da retomada e da colocação de novas indagações e questões metodológicas.

Ao longo da sua história, a teoria gerativa tem passado por diversas transformações. Assim, houve o modelo inicial da *Gramática Gerativo-Transformacional* (a partir de 1957), seguido dos modelos da *Teoria Padrão* (*Standard Theory*, a partir de 1965) e da *Teoria Padrão Ampliada* (*Extended Standard Theory*, de 1973 até meados de 1983), chegando, por fim, à teoria dos P&P (a partir de 1986/1987 até o desenvolvimento do PM atual de 1995 em diante), já vista brevemente.

O MP surge, então, dentro das mais recentes perspectivas de CHOMSKY (1999b, 2002, 2005b, 2006) de “otimizar” e aumentar o potencial da adequação descritiva e, sobretudo, da adequação explanatória da teoria gerativa, em função da exigência de simplicidade, elegância, economia e simetria dentro desse modelo teórico. Enfim, nesse modelo, a antiga noção já há muito tempo presente na ciência da linguagem de *Economia Linguística*⁸ retorna com força total e desempenhando um papel centralmente relevante.

⁸Para uma discussão mais completa da noção de *Economia Linguística* (cf. CHOMSKY, 1999), particularmente o capítulo 2 “Algumas notas sobre a economia das derivações e das representações” (p. 197); e (SCHAFF *et al*, *Revista Tabuleiro de Letras*, PPGEL – Salvador, Vol 08, nº. 02, p. 31-48, Dezembro de 2014. ISSN: 2176-5782

Entre as inovações teóricas do MP está o fim das *estruturas profundas* e das *estruturas superficiais* presentes desde o início do modelo gerativo-transformacional até o P&P. Os antigos níveis de representações linguísticas compostos pela *Forma Lógica* (doravante LF, do original *Logical Form*) e *Forma Fonética* (doravante PF, de *Phonetic Form*)⁹ permanecem. Contudo, essas representações, designadas de *níveis de interface*, passam a ser denominadas, respectivamente, de *Sistema Sensorio-Motor* (ou *Articulatório-Conceptual*, posteriormente) e de *Sistema Conceptual-Intencional* (ou *Conceitual-Intencional*, posteriormente).

Entretanto, agora, tanto o Sistema articulatório-conceitual (ASC) quanto o Sistema conceitual-intencional (CIS) são gerados após o momento de *conversão* da sentença. Esse momento de conversão é denominado de *Spell-out* por CHOMSKY (1999b, p. 268, 269). Uma definição conceitual sucinta de *Spell-out* é-nos dada em RADFORD (1997, p.172):

(...) the point at which the phrase structures generated by the processes of selection and *merge* feed into two different components - an PF component which processes their phonetic features, and an LF component which processes their grammatical and semantic features.¹⁰

As teorias *X-Barra* e *mova - α* , que eram pontos centrais do modelo teórico de P&P, são substituídas pelas novas noções de *merge*¹¹, *concordância* (ou *Agr*¹², do inglês *agreement*) e *mova* somente, enxugando ainda mais o arcabouço teórico gerativista. A operação *merge* ou *concatenar*, então, passa a ocupar um papel de destaque no MP. O *merge* é realizado por meio da *concatenação* ou união de dois elementos lexicais quaisquer, pelo processo de *numeração* ou *seleção lexical*, no qual as entradas lexicais são rotuladas ou

1975). Esse último tece uma interessante análise comparativa entre a noção de economia nas Ciências Econômicas e na Linguística estruturalista.

⁹Decidi manter a sigla original nesses dois casos específicos para evitar equívocos, a exemplo de utilizar ao mesmo tempo FL, tanto para Faculdade da Linguagem quanto para Forma Lógica.

¹⁰ Tradução livre nossa: “O ponto em que a estruturas sintagmáticas geradas pelos processos de seleção e “merge” gera/alimenta dois diferentes componentes – um componente PF o qual processa seus traços fonéticos, e um componente LF o qual processa seus traços semânticos e gramaticais.”

¹¹ Pode-se entender a operação *merge* como aquele que toma dois objetos sintáticos quaisquer β e α e forma um novo objeto $\gamma = \{\beta, \alpha\}$ (cf. CHOMSKY, 1999b, pág.3). Assim, o resultado da operação *merge* é sempre *algoritmos binários*.

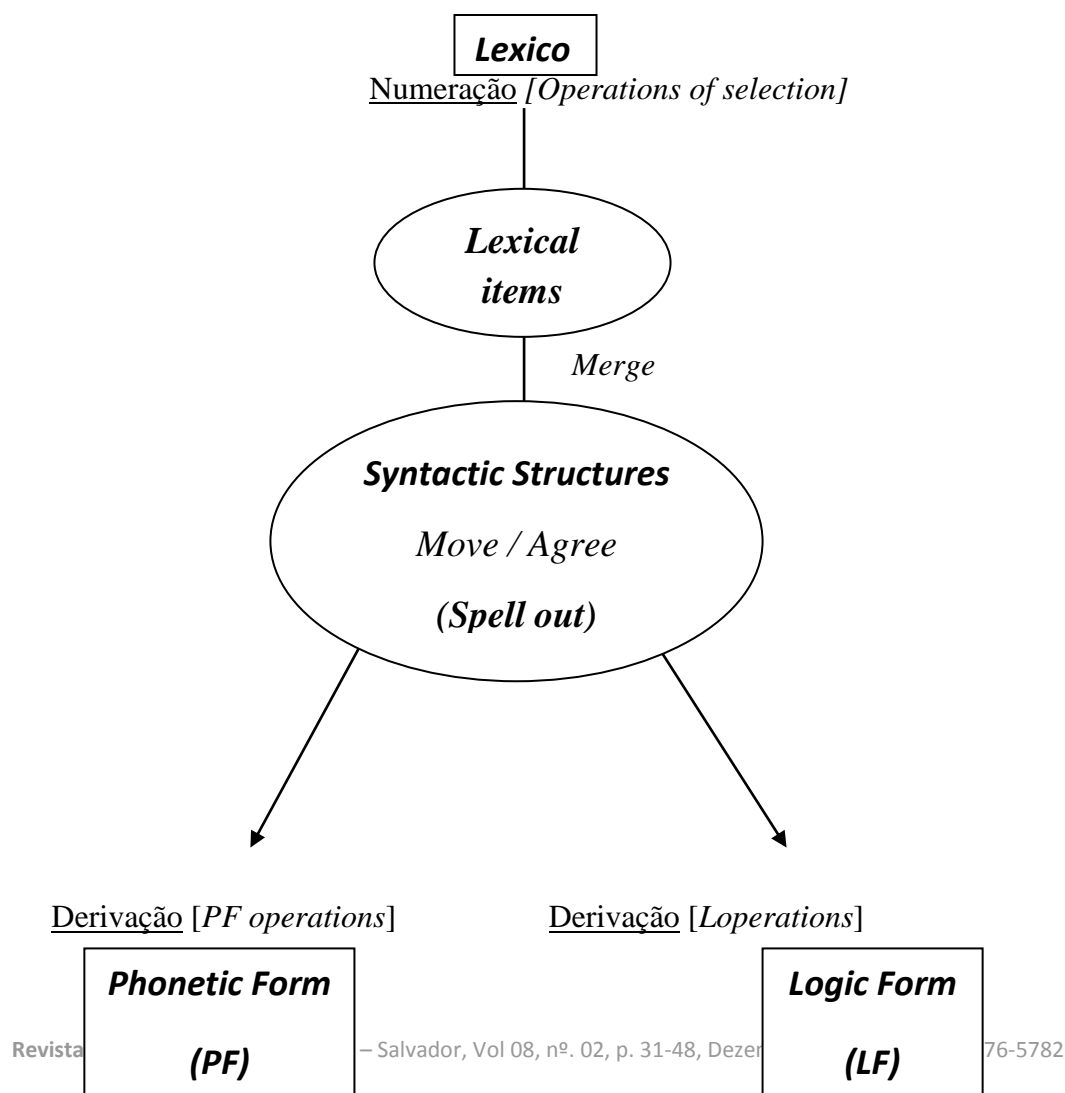
¹² Pode-se entender a operação *Agree* através das noções de *probe* e *goal/target*. *Probe* é o objeto sintático que possui *traços inflexionais interpretáveis* e *goal* o objeto que possui *traços não-interpretáveis* os quais são apagados sob a operação *Agree* (concordância). O *probe* procura e determina quais os objetos sintáticos passíveis de mover-se para a sua posição para a *checagem de traços*, enquanto o *goal/target* é justamente o objeto que é selecionado pelo *probe* (cf. CHOMSKY, 1999b) e (ROBERTS, 2007, p. 66).

etiquetadas, formando um único constituinte; ou pela concatenação ou união de dois constituintes formando um novo constituinte maior.

Outra noção que perde espaço no MP é a antiga ideia de *construção* ou *geração de sentenças*, que dá nome à teoria “gerativa”. Em seu lugar, agora, surge a noção de *derivação* das sentenças por *fases* (CHOMSKY, 1999a). Dessa forma, as sentenças já não são mais construídas ou geradas simplesmente a partir da entrada lexical, mas o que ocorre é a derivação de sentenças, a partir do processo inicial da numeração lexical até o momento de *spell-out*, no qual as sentenças convergem para as representações em PF e LF já mencionados.

A representação gráfica mais adequada, então, do processo de *derivação de gramáticas* (e não mais de *geração ou construção de gramáticas*) é a seguinte do esquema (3) a seguir:

Esquema (1)



No esquema (1) acima, temos que, resumidamente, as gramáticas das línguas naturais são derivadas pelo *sistema computacional* humano, a partir da rotulação ou etiquetagem dos itens lexicais selecionados através do processo de numeração do *Léxico*. Em seguida, os itens lexicais (já numerados) são *mapeados* pelo processo de *merge*, que, por meio da *checagem dos traços formais não-interpretáveis*, forma novos constituintes sintáticos. Depois disso, ocorre o processo de conversão das estruturas sintáticas até então formadas para os dois componentes de interface da gramática, o Sistema articulatório-conceitual e o Sistema conceitual-intencional, por meio das operações de derivação. O momento de conversão, então, é denominado de *spell-out*, como já dito.

A noção de traços fortes e fracos ou, mais comumente, *traços interpretáveis e não-interpretáveis* e a noção de *checagem* (do inglês *checking*) desses traços também ocupam um lugar extremamente relevante nesse novo modelo teórico MP.

Seguindo ROBERTS (2007, p. 66), pode-se esquematizar uma operação *Agree*, resultante do momento de checagem de traços que ocorra entre dois elementos sintáticos β e α quaisquer, da seguinte maneira:

Esquema (2):

- α *Agree with β where:*
- (i) *α and β have non-distinct formal features;*
 - (ii) *α asymmetrically c-commands β .*

Sendo que a noção de *c-comando assimétrico* é definida como no original (*supra*):
 *α asymmetrically c-commands β if and only if β is contained in the structural sister of α .*¹³

A checagem de traços presentes nas projeções, então, se estabelece a partir da necessidade de que apenas os traços respectivamente apropriados derivem até os dois componentes de interfaces. Esse princípio de restrição é chamado de Princípio de Interpretação Plena¹⁴ (CHOMSKY, 1999b, p.67-168).

¹³ *α assimetricamente c-comanda β se, e somente se, β está contida na estrutura irmã de α .*

¹⁴No original em inglês, *Principle of Full Interpretation* – PFI, ou FI simplesmente.

Assim, para o componente da gramática PF devem derivar-se apenas os traços formais ou gramaticais que são foneticamente interpretáveis, bem como para o componente LF devem derivar-se apenas os traços semanticamente interpretáveis. Daí, a necessidade de que os traços não interpretáveis nos dois componentes sejam checados e apagados, para que a sentença derivada seja gramatical. Caso contrário, a derivação é bloqueada (*crashed*), resultando em uma conversão agramatical nos componentes citados.

Essa perspectiva *chomskiana* formalista de linguagem insere-se dentro da dialética filosófica do *essencialismo versus empirismo*, trazendo à Linguística a nova noção de uma gramática universal inata à cognição humana. Nela, o método negativo, que também aparece em Saussure, porém de maneira distinta (SILVA, 2008), desempenha um papel crucial na verificação dos universais da gramática:

O método negativo permite entender restrições impostas pela Gramática Universal (GU) e, ao mesmo tempo, quais são as possibilidades licenciadas por essa gramática, a variação entre as línguas. O que nos dá a chave para chegarmos ao sistema de regras de uma língua é o conhecimento explicitado pelo falante quando ele afirma que uma dada sequência não é gerada por sua língua. A introspecção da língua de um indivíduo nos permite, por hipótese, entender a gramática daquele indivíduo. A gramática daquele indivíduo é, portanto, uma possibilidade de gramática. Para chegarmos à GU precisamos investigar várias gramáticas e compará-las. Assim, o método do julgamento negativo permite entender a linguagem humana empiricamente sem precisarmos lançar mão do conceito de língua social. (OLIVEIRA, 2008, p. 14/15).

8. Considerações finais

Viu-se, assim, ao longo deste artigo, como a dualidade *essencialismo* (substância) *vs. conceptualismo* (forma), questão filosófica ontológica da Metafísica, reflete-se nas bases epistemológicas que demarcam o surgimento e a consolidação da Linguística moderna. Em Saussure, essa questão se refletiu nas dicotomias e no recorte que o mestre genebrino teceu em cima do objeto de estudo língua, priorizando partes e fundando as bases do Estruturalismo que, para além dos limites da Linguística, expandiu-se enquanto *theoria*¹⁵ para diversas ciências humanas e sociais. Em Chomsky, a oposição binária entre o universal (princípios) e o particular (parâmetros) ocorre dentro de um objeto abstrato e já mais constituído no universal linguístico: a UG ou gramática inata humana. Assim, as noções de *essência* e *conceito, forma*

¹⁵ *Theoria*, em grego, significa “contemplação da verdade” (CHAUÍ, 2000).

e *substância* podem ser vistas como dualidades que sustentam interseções epistemológicas entre o estruturalismo inatista de Chomsky e o estruturalismo sistêmico de Saussure. Ou, nas palavras de um filósofo:

Vê-se, assim, que tanto a essência (ou forma) e a matéria de uma coisa têm prioridade vis-à-vis a própria coisa, a qual é um composto de essência e matéria. Mas isto não significa dizer que a prioridade seja em cada caso de idêntica natureza. O quadro que emerge é o de que, na busca de determinar a prioridade relativa da essência ou da matéria de uma coisa, chegemos a respostas distintas, a depender da perspectiva adotada. Se nosso interesse fundamental é dar conta da causa material de um corpo natural ou de um artefato, a prioridade será naturalmente conferida à sua matéria. Se, por outro lado, o interesse primário for o de explicar a forma por ele assumida, ter-se-á a essência como tendo prioridade. Destarte, as partes materiais de uma casa já existem antes que a própria casa exista, e podem ser legitimamente invocadas numa explicação da constituição material da casa. Mas não é menos verdadeira que forma ou essência da casa existe antes que a casa exista, já que, como nota Aristóteles, “As coisas produzidas pela habilidade são aquelas cuja forma está na alma de quem as produza (e por forma entendo o que o ser é para cada coisa e sua substância primária)” (JUNGMANN, 2009, p. 14).

Referências

ANGIONI, Lucas. *O conceito de essência no livro VII da "Metafísica" de Aristóteles*. Boletim do CPA, Campinas, nº 3, jan./jun. 1997.

BASÍLIO, Raquel. *Saussure: uma filosofia da linguística?* ReVEL, vol. 8, n. 14, 2010. [www.revel.inf.br].

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. 9. ed. Tradução de Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

CHOMSKY, Noam. *Derivation by phase*. MIT occasional papers in Linguistics 8, 1999 a.
_____. *O Programa Minimalista*. Tradução, apresentação e notas à tradução: Eduardo Raposo Paiva. Lisboa: Caminho, 1999 b.

_____.; HAUSER, M.D.; FITCH, W. T. *The faculty of language: what is this, who has it, and how did it evolve?* Science, vol. 298, pág.1569-1579, 22 de novembro de 2002.

_____.; HAUSER, M. D.; FITCH, W. T. *The evolution of the language faculty: clarifications and implications*. Cognition 97, pág. 179-210, 2005 b.

_____. *Sobre a natureza e linguagem*. In: BELLETTI, Adriana; RIZZI, Lorenzo (orgs.). Tradução de Marylene Pinto Michael. Revisão da tradução Evandro Ferreira e Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CUNHA, Raquel Basílio. *A relação significante e significado em Saussure*. ReVEL. Edição especial n. 2, 2008. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

JUNGMANN, Rodrigo. *Substância, matéria e essência na metafísica de Aristóteles*. Cadernos UFS – Filosofia, Ano 5 fasc. XI - vol.6 Julho-Dezembro/2009.

PEREIRA, Paulo. *O posicionamento sintático dos advérbios predicativos de constituintes no português brasileiro*. Comunicação apresentada no X Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação (SEMPPG), de 11 a 13 de novembro de 2009a. Universidade Federal da Bahia (UFBA).

PEREIRA, Paulo. *Os sintagmas adverbiais predicativos de constituintes no português brasileiro*. Comunicação apresentada no V Seminário Estudantil de Pesquisa em Letras (Sepesq - UFBA), de 14 a 16 de outubro de 2009b. Instituto de Letras (ILUFBA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

PEREIRA, Paulo. *Os sintagmas adverbiais predicativos de constituintes no português brasileiro: uma perspectiva cartográfica do IP*. Salvador: (Dissertação de mestrado apresentada e defendida no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, março de 2011.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. A linguística sem Chomsky e o método negativo. *ReVEL*, vol. 8, n. 14, 2010. [www.revel.inf.br].

RAPOSO, Eduardo. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

ROBERTS, Ian. *Diachronic Syntax*. Oxford University Press: New York, 2007.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. *ReVEL*. Edição especial n. 2, 2008. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

SANTOS, Raquel. Aquisição da linguagem. In: *Introdução à linguística – I. Objetos teóricos*. FIORIN, José Luiz (org.). -5 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de; BOUQUET, Simon.; ENGLER, Rudolf (Orgs. e Eds.). *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. _27.e d. Trad. de Antonio Chelini, Jose Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHAFF, Adam; JEUDY, Henri-Pierre; LANDI-ROSSI, F.; *et al.* *Linguística, sociedade e política*. Tradução de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos. Revisão: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1975.

SILVA, Jesiel S. Intersecções epistemológicas: a binaridade de Saussure, a usiologia de Aristóteles e o cientificismo de Kant. *Anthesis: Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Occidental*, ano 01, 2012, nº 02.

SILVA, Karen A. da. *Da representação à associação recíproca: como se constituem signo, língua e objetos nas formulações de Saussure*. ANAIS DO SETA, Volume 2, 2008.

TEIXEIRA, José. *O carácter não-axiomático das antinomias saussureanas*. Diacrítica, nº 7, Universidade do Minho, Braga.